

DO *SHTETL* AO XINGU: EMIGRAÇÃO JUDAICA, EM MOACYR SCLIAR

Elcio Loureiro Cornelsen
UFMG

RESUMO: O presente artigo resulta de uma breve reflexão sobre o *shtetl* como espaço geográfico e socioeconômico típico dos habitantes judeus do Leste europeu e sobre os fatores que culminaram com o seu desaparecimento. A partir do romance **A Majestade do Xingu**, de Moacyr Scliar, procuramos enfocar a dispersão do *shtetl*, reflexo da emigração do habitante típico da “cidadezinha” rumo aos grandes centros europeus e, sobretudo, ao continente americano.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura de Migrante; Judaísmo do Leste Europeu; Identidade e Memória Textual

INTRODUÇÃO

Falar do *shtetl* hoje em dia implica um certo tom nostálgico. Apesar das dificuldades marcadas pelas péssimas condições materiais que essa típica aglomeração populacional de judeus do Leste europeu apresentava, o *shtetl*, como aponta Heszel Klepfisz, constitui “um capítulo luminoso no âmbito social e espiritual” (1989: 89) da História do judaísmo.

Para as gerações posteriores ao seu desaparecimento, o *shtetl* representa um fenômeno histórico que pode ser vislumbrado pela memória registrada principalmente nos depoimentos de sobreviventes, nos estudos sócio-históricos e na rica Literatura Ídiche produzida por nomes como Scholem Aleichem, Itzhok Leibusch Peretz e Isaac Bashevis Singer.

Procuramos direcionar nosso interesse justamente para a literatura enquanto produtora de uma memória textual. Para isso, partimos do pressuposto de que possamos lidar com textos literários que nos apresentam o *shtetl* como documentos autênticos de um mundo que não existe mais. E são esses documentos que nos ajudam a tentar juntar os cacos da História.

A seguir, enfocaremos a dispersão do *shtetl*, reflexo da emigração – na maioria das vezes motivada por questões de sobrevivência – do habitante típico da “cidadezinha”, dentro do processo que culminará com o seu desaparecimento em meio à *Shoah*. A partir do romance **A Majestade do Xingu**, de Moacyr Scliar, refletiremos sobre a representação da vida e da estrutura social do *shtetl* e das conseqüências provocadas pelas ondas migratórias de dispersão.

I. O *shtetl* e sua estrutura sócio-política

O *shtetl* (em ídiche, “cidadezinha”, “aldeia”) teve sua fase áurea entre os séculos XVII e XIX. A História de toda a região da Europa Central e Oriental se apresenta complexa e intrínseca, quando falamos do *shtetl* como adensamento populacional que se impôs principalmente nos territórios da Polônia e da Rússia Czarista. A instabilidade política e a constante mudança de fronteiras e de domínios faziam com que, como aponta Izidoro Blikstein, o *shtetl* se tornasse parte de um “pesadelo volátil”, em que “as coisas que existiam poderiam desaparecer” “por força de alguma mudança político-ideológica nos países que ‘permitiam’ a sua existência” (1992: 32).

Em consequência da primeira divisão territorial da Polônia em 1772, a maioria dos judeus europeus ficou sob domínio russo, da mesma forma que o mundo do *shtetl*. No final do século XIX, a Rússia Czarista abrigava a maior comunidade judaica do mundo. De acordo com o censo de 1897, viviam ali cerca de cinco milhões e duzentos mil judeus, o que representava quase a metade de toda população judaica do mundo. Porém, os judeus não viviam espalhados por todo território russo. Noventa e quatro por cento viviam na chamada *Pale* (em ídiche, “cercado”; ou *Rayon* [cf. LÖWE 1981: 185], em russo, “distrito”, “região”), região de confinamento, composta de dez províncias polonesas e quinze províncias do oeste e sudoeste da Rússia, onde lhes era permitido o assentamento em cidades e povoados. Porém, havia cidades em que era vetada aos judeus a residência sem uma autorização especial, como Kiev, Nikolaev e Sebastopol. Por sua vez, algumas cidades localizadas fora da *Pale* tinham habitantes judeus, como São Petersburgo, Novgorod e Smolensk (cf. GUINSBURG 1996: 57 e 282). A situação discriminatória na *Pale* pode ser constatada também pelo fato de que a população judia era mantida à margem do processo da crescente industrialização que se estabeleceu na última década do século XIX. A grande massa vegetava na mais completa miséria, e muitos artífices, que representavam um terço da população ativa, foram arruinados economicamente diante da concorrência promovida pelas indústrias que podiam oferecer seus produtos por preços mais baixos (cf. LÖWE 1981: 186). Os direitos civis conferidos pelo regime czarista aos judeus também eram mínimos, e as hostilidades contra a população judia se tornavam cada vez mais uma realidade.

A vida no *shtetl* se fundamentava na coesão de sua população, mantida praticamente intacta ao longo dos séculos. Os habitantes da “cidadezinha” não tinham necessidade de ocultar sua origem e falavam o ídiche com naturalidade, sem a inibição provocada por um ambiente não-judeu. O adensamento populacional despertava a impressão de unidade de religião, costumes,

língua, direito e família, garantida pela vida espacialmente isolada. Tal isolamento possibilitava a manutenção do *modus vivendi* em uma forma bastante original.

A sociedade do *shtetl* se constituía de uma minoria rica e de uma maioria pobre. Heszkel Klepfisz, pertencente à última geração do *shtetl* na Polônia, afirma que, em sua maioria, os habitantes do *shtetl* eram operários, artesãos e pequenos comerciantes: “Lembramo-nos muito bem dos alfaiates, chapeleiros, sapateiros, ferreiros, carpinteiros, serralheiros, pintores, encanadores, seleiros, lenhadores, carroceiros, aguadeiros, etc.” (1989: 89-90) Embora existissem privilégios e injustiças sociais, as desigualdades eram pouco acentuadas e seus antagonismos só vinham à tona nas querelas institucionais ou nos movimentos religiosos (cf. GUINSBURG 1996: 59). Os habitantes do *shtetl* eram detentores de uma consciência social espontânea: não por imposição institucional, mas por solidariedade, criavam instâncias de auxílio aos mais necessitados, minimizando as dificuldades que estes enfrentavam no dia-a-dia. A solidariedade comunitária se manifestava de diversas formas e sob os auspícios de diversas organizações de auxílio (cf. KLEPFISZ 1989: 90-91).

No mais denso agrupamento judaico, as relações interculturais com o meio não-judeu eram reduzidas. O judeu religioso e supersticioso era o habitante típico do *shtetl*. Seus padrões religiosos e culturais diferiam dos padrões veiculados no meio circundante. O *modus vivendi* na “cidadezinha” fascinava a muitos que, com o olhar do Outro, a vislumbravam pela espiritualidade e a devoção religiosa, sobretudo hassídica.

A partir da segunda metade do século XIX teve início uma crise provocada pelo confronto das pequenas cidades com a realidade da industrialização crescente e da forma de economia capitalista, que não só exigiu mudanças, como também provocou uma intensa emigração para as Américas. No início do século XX, constata-se o agravamento da crise: com a Primeira Guerra Mundial judeus perdem suas moradias, lojas, oficinas e lavouras; e os que viviam em território russo são atingidos pela Guerra Civil, por epidemias e *pogroms*. A partir de então, teve início no *shtetl* a busca por novos horizontes. As opções eram o regresso a *Eretz Israel*, de acordo com a proposta do movimento sionista, ou a emigração para as Américas. Mas muitos optaram por permanecer no *shtetl*. Porém, com a *Shoah* esse mundo sofreu um golpe fatal. O extermínio de grande parte de seus habitantes que não conseguiram escapar à indústria da morte nazista significou também a redução drástica do número de falantes do ídiche e, com isso, praticamente a

destruição de uma rica cultura. E é justamente no sentido de resgate cultural que apontamos a relevância da literatura que versa sobre esse universo e seus habitantes.

II. A imagem do *shtetl* e de seus habitantes no romance **A Majestade do Xingu**

Moacyr Scliar tem uma participação significativa no resgate literário do que restou desse universo, dentro da perspectiva de mediação cultural da memória do imigrante. Gaúcho de ascendência judaica, e médico de saúde pública, Scliar reúne no romance **A Majestade do Xingu** (1997) aspectos que remontam à sua origem e profissão, temas recorrentes em sua obra. Filho de imigrantes judeus da Bessarábia, Scliar oferece ao leitor um quadro da dispersão do habitante do *shtetl* rumo ao Novo Mundo e das dificuldades de adaptação ao meio estranho.

A ancoragem textual da ficção no eixo da História é feita por meio de episódios, locais e personagens autênticos. Assim como os pais do autor, seus personagens deixam a Rússia no início dos anos vinte. O romance é narrado por um protagonista-narrador que permanece anônimo, uma espécie de “contador de histórias” ao melhor estilo da tradição oral, que se encontra em uma UTI, preso a uma cama de hospital, e “dialoga” – na verdade, em um permanente monólogo – com um suposto interlocutor: o médico. O motivo desencadeador da narrativa é a trajetória do amigo do narrador, “Noel Nutels, o médico dos índios” (SCLIAR 1999: 9). Do mesmo modo que Scliar, Noel Nutels é médico e sanitarista de origem judaica. Ao construir esse personagem, Scliar mantém traços do verdadeiro Noel Nutels (1913-1973), uma personalidade no cenário nacional que imigrara da Rússia ainda garoto em 1921, e que se dedicou por três décadas à preservação física e cultural das populações indígenas, participando em importantes expedições ao Brasil central juntamente com os Irmãos Vilas Boas e com Darcy Ribeiro. Enquanto Noel Nutels, admirado pelo protagonista-narrador, consegue galgar sua trilha tornando-se um notório médico engajado em questões indígenas, o narrador apresenta sua própria vida como permanente fracasso: “Que longa trajetória, aquela, da Rússia até o Bom Retiro. Não era exatamente uma trajetória triunfal; eu não podia me considerar um vencedor” (SCLIAR 1999: 168). Como ele próprio revela ao suposto interlocutor, a sua história “só tem importância porque é um pouco, muito pouquinho, a história de Noel Nutels, o médico dos índios” (SCLIAR 1999: 210).

Devido à temática, nosso interesse recai sobre a representação literária do *shtetl* e da dispersão de seus habitantes dentro do processo de emigração, composto de um “antes”, um “entre-lugar” e um “depois”. O primeiro tópico a ser destacado diz respeito à configuração espaço-temporal. No romance, as aldeias judaicas mencionadas se situam em território sob domínio do regime czarista, mais precisamente Ananiev – cidade natal de Noel Nutels – na Ucrânia e o *shtetl* em que nasceu o narrador, localizado em algum lugar da Bessarábia, cujo nome não é revelado. O tempo histórico é o da Guerra Civil que se instaurou com o fim do regime czarista e dos desdobramentos da Revolução Russa para a nova composição geopolítica da região, a qual provocou uma nova onda de emigração de habitantes judeus, entre eles os Nutels e a família do narrador.

O *shtetl* se revela nas reminiscências do narrador como um lugar de extrema pobreza e de privações:

[...] Como eu dizia, era uma aldeia bem pequena, a nossa, e de gente muito pobre: agricultores, artesãos, pequenos comerciantes. Meu pai, um sapateiro, ganhava muito pouco. Mal podia alimentar a família, que comparada às outras – oito, nove filhos –, nem era grande, muito pelo contrário: eu só tinha uma irmã menor, Ana. Vivíamos numa casinha de madeira, sem conforto algum, sem nenhum tipo de aquecimento, no inverno a gente morria de frio. Comida escassa; às vezes até fome a gente passava. Era uma festa quando, na sexta-feira, tínhamos galinha para o jantar. Minha mãe fazia milagres para arranjar comida, para remendar as esfarrapadas roupas que usávamos. Uma lutadora a mamãe. [...] (SCLIAR, 1999: 11)

O filho descreve o pai como um homem simples que mal podia alimentar sua família com o ganho proporcionado pela profissão de sapateiro. Diferente da mãe que tinha um senso prático para a vida, o pai vivia desligado dos problemas elementares do cotidiano, em meio a suas costumeiras caminhadas e aos pensamentos que, para o filho, demonstravam certa sabedoria, embora fossem frutos de um homem sem grande instrução:

[...] A seu modo, papai era um filósofo. Consertar sapatos, dizia, parece uma coisa sem importância, mas não é; pelo sapato se conhece uma pessoa, o modo como essa pessoa vive. Pelo sapato se pode dizer se o dono caminha arrogante como um rico ou humilde como um mendigo. Papai era o Spinoza dos sapatos. [...] (SCLIAR 1999: 12)

Ao avaliarmos o “antes” do processo de emigração em relação à figura do humilde sapateiro, constatamos que a forma como este apreendia o seu meio era determinada por sua relação com um cliente em especial: o conde Alexei, o senhor da região, latifundiário que vivia em um castelo na colina que dominava a aldeia. Embora o conde lhe pagasse pouco pelo reparo

de suas botas, o sapateiro sentia-se lisonjeado em atender a um nobre que, indiretamente, demonstrava reconhecimento por seus dotes profissionais. No entanto, o conde não o procurava pessoalmente, mas sim enviava um empregado que entregava os calçados ao artesão (cf. SCLIAR 1999: 12). O sapateiro sentia-se fascinado pelo material com que eram confeccionadas as botas do conde:

[...] toca aqui, ele me dizia, sente a maciez deste couro, couro assim eu nunca vi, deve ser de algum animal raro, desses animais criados especialmente para que os nobres tenham calçados macios, esses animais que morrem felizes porque o couro arrancado a seu corpo protegerá do barro e da neve o pé de um conde russo. [...] (SCLIAR 1999: 12-13)

Neste ponto, temos uma importante configuração do ambiente do *shtetl*. Não obstante as peculiaridades de sua profissão, o sapateiro surge como representante do típico artífice vivendo em tempos de crise nas “cidadezinhas” do Leste europeu. Ele também representa um pequeno elo de ligação com o mundo não-judeu, no momento em que presta serviços ao conde Alexei, representante da aristocracia russa que detinha o poder naquelas paragens. A subserviência incontestável é a expressão mais adequada para definir a relação do artífice para com o nobre. Para o sapateiro, havia uma “normalidade” nessa relação.

É, sobretudo, em torno da figura do sapateiro que circulam as questões da permanência ou não no *shtetl*. A primeira delas, aliás, também um elemento que ancora a ficção no eixo da História, se concretiza com a chegada ao *shtetl* de um representante da *Jewish Colonization Association*, companhia de colonização agrícola mantida por financistas e empresários judeus da Europa ocidental, que propõe à população a emigração para a América do Sul, onde estavam sendo adquiridas terras ao longo da ferrovia administrada pela Companhia de Estradas de Ferro da Argentina e do Rio Grande do Sul. O material de propaganda fascinou os moradores do *shtetl*, que imaginavam a América do Sul como uma terra promissora. A mãe do narrador via com bons olhos a possibilidade de emigrar para o Brasil: “o Brasil é um paraíso” (SCLIAR 1999: 17). Por isso, não tardaram as brigas com o marido, que relutava em emigrar. O narrador suspeitava que o motivo maior era a preocupação de que o conde Alexei não teria mais um sapateiro que cuidasse de suas botas com tanta dedicação e fidelidade.

O segundo tópico de destaque no processo de representação literária do *shtetl* e da dispersão de seus habitantes é o *pogrom*. Em **A Majestade do Xingu**, não temos só a menção de *pogroms*, mas a sua presença ameaçadora em momentos cruciais na trajetória do sapateiro e de sua família. Até, mesmo, cenas do cotidiano, aparentemente inocentes, são invadidas pela tensão em torno da

iminência de *pogroms*. Por exemplo, um minúsculo par de botas que o sapateiro confeccionara com restos de couro de um par de botas do conde torna-se símbolo do meio circundante opressor:

Eram para ser admiradas, aquelas botas? Não por mim, doutor, não por mim. Em meus pesadelos aquelas malditas botas, aquelas botinhas, aquelas botículas, tinham dono, e esse dono não era o Pequeno Polegar, não era o Gato de Botas; era um cossaco, um pequenino e traiçoeiro cossaco que à noite saía de seu esconderijo, calçava as botas e galopava pela casa em torno montado num repelente ratão, rindo e debochando de nós. Dessas penosas fantasias eu não falava a ninguém. Guardava-as para mim. Sofria sozinho. (SCLIAR 1999: 13)

Em seus pesadelos de infância, o narrador expressa plasticamente, aos olhos de uma criança, a ameaça e o temor permanente em que viviam os habitantes do *shtetl*:

O pogrom. Ao anoitecer, tropel de cavalos, gritos ferozes – logo estavam ali, aqueles demônios dos cossacos, bêbados, batendo nos homens, violentando as mulheres, queimando as casas. O pogrom, doutor, era um massacre organizado, uma válvula de escape para as tensões do império. A colheita fracassava? Pogrom. A Rússia era derrotada numa aventura guerreira? Pogrom. O tzar se sentia ameaçado? Pogrom, pogrom, pogrom. Mesmo os que desaprovavam o pogrom – o civilizado conde Alexei era um deles – nada faziam para evitá-lo. [...] (SCLIAR 1999: 15)

Aliás, a constante ameaça de *pogrom*, motivo para a emigração, é transferida do *shtetl* para o Brasil. O *pogrom* presente nos sonhos e fantasias do narrador (cf. SCLIAR 1999: 15, 23, 28 e 200) o torna sensível a instabilidades no âmbito político, a ponto de prever o golpe militar de 64. Segundo suas palavras, tinha “uma espécie de sismógrafo capaz de detectar convulsões históricas antes que ocorram” (cf. SCLIAR 1999: 148). A ameaça de *pogrom* o perseguirá até às vésperas de sua morte, quando sofrerá um princípio de infarto e terá a visão de um cossaco que galopara desde a Rússia para finalmente aplicar-lhe “um pogrom só para ti” (SCLIAR 1999: 210). A forte dor no peito, causada por uma cardiopatia isquêmica, aparece como sendo provocada pelo cossaco que pisava firme em seu peito com a bota. Ancorada no eixo da História, a construção literária de tal tensão representa a atmosfera de temor que grassava naquelas paragens do Leste europeu, principalmente a partir das últimas décadas do século XIX. Os *pogroms* contra a população judia em território da Rússia Czarista foram, sem dúvida, os maiores responsáveis pela emigração em massa para as Américas. Entre 1870 e 1914, calcula-se que cerca de um e meio milhão de judeus emigraram para os Estados Unidos. Durante a Guerra Civil a partir de 1917, ocorreram diversos *pogroms* que provocaram novas ondas migratórias.

De acordo com o comentado anteriormente, a configuração temporal do “antes” no processo de emigração delineia o desmantelamento do regime czarista e a transição para o regime

socialista. É justamente neste contexto que a emigração passa a ser aceita pelo sapateiro, até então relutante. Um esquadrão bolchevique, liderado por Semyon Budyonny – ou Semyon Mikhailovich Budennyi (1883-1973), personagem histórico que comandou a Primeira Cavalaria de Cossacos na ofensiva contra os poloneses em abril de 1920 –, ocupou a cidadezinha, para alívio da população que acreditava estar vivendo o início de um novo *pogrom*. Budyonny declarou que a aldeia era território libertado pela Revolução, de modo que o conde Alexei não mandava mais na região, aliás, para decepção de seu fiel sapateiro: “visível, a consternação de meu pai ao ouvir essa notícia” (SCLIAR 1999: 29). Mas foi Isaac Babel – ou Isaak Emmanuilovich Babel (1894-1941), mais um personagem que ancora a ficção no eixo da História –, escritor judeu russo que participava no grupo de Budyonny como correspondente de guerra, que causou impressão no artífice ao alertar para “inocentes prestes a serem sacrificados” (SCLIAR 1999: 34), não obstante as promessas de Budyonny de que os *pogroms* eram coisa do passado, e de que “sob o governo bolchevique os judeus gozariam de toda a proteção, teriam direito inclusive à autonomia” (SCLIAR 1999: 29). A suposta ameaça de futuros *pogroms* fez com que o sapateiro considerasse a emigração para o Brasil como uma saída. Além disso, para o artífice, a continuidade da família no *shtetl* perdeu sentido com a queda do Czar e a deflagração da Guerra Civil: findo o poder da nobreza – representado literariamente pelo conde Alexei –, o sapateiro não encontrava mais justificativa para adiar a emigração. A oferta da *Jewish Colonization Association* não lhe parecia atraente, pois não queria se tornar camponês, mas sim exercer sua profissão de sapateiro. No entanto, foi traído por sua ingenuidade: ao tomar emprestado um livro de História do Brasil, escrito em português, o sapateiro limitou-se a contemplar as figuras de imperadores e generais, vestidos elegantemente e exibindo belas botas que “nada ficavam a dever às botas do conde” (SCLIAR 1999: 34). A expectativa criada a partir das imagens do livro fez com que o sapateiro acreditasse que encontraria serviço em abundância no Brasil: “Num país em que os homens usavam botas assim, não lhe faltaria serviço: afinal, quem havia consertado as botas do conde Alexei tinha credenciais para atender qualquer cliente, por mais refinado que fosse” (SCLIAR 1999: 34-35). Portanto, o sapateiro nutria a esperança de poder transferir para o Brasil a mesma estrutura da relação de subserviência que mantivera com o conde Alexei. Para ele, o reconhecimento profissional só seria possível se outorgado por um nobre.

A fase seguinte dentro do processo de emigração é o “entre-lugar”. No porto de Hamburgo, os destinos dos Nutels e da família do narrador se cruzam: igualmente marcadas por uma vida de miséria, de discriminação, e de constante perigo de *pogrom*, as famílias compartilhariam o mesmo “entre-lugar” que separa o passado, deixado para trás apenas fisicamente, do futuro na nova terra, na qual o *shtetl* se fará presente em suas mentes, mesmo que em forma de pesadelo, como no caso do narrador. Materializado pelo navio alemão “Madeira”, que zarparia de Hamburgo rumo ao Recife, esse “entre-lugar”, “espaço em trânsito” que, como aponta Maria Zilda Cury, se torna “metáfora de identidades flutuantes” (CURY 2001: 509), assoma como o espaço da amizade, idealizada pelo personagem-narrador em relação a Noel Nutels:

[...] O navio levantou ferros e, com um apito lúgubre, afastou-se do cais. Muitos choravam naquele momento. Para trás ficava a Europa, a Rússia, o *shtetl*; para trás ficava a história daquela gente. A mim não importava: que ficassem para trás a Europa, a Rússia, o *shtetl*. Eu acabava de encontrar um amigo, doutor, o amigo que na aldeia nunca tivera. E essa amizade, eu estava certo, duraria para sempre. Noel seria o meu irmão, o irmão mais velho que eu não tinha. [...] (SCLIAR 1999: 36)

Porém, os amigos seguiriam trajetórias diferentes na nova terra. Logo que desembarcou, Noel quis travar contato com os garotos brasileiros, esquecendo-se do amigo: “O presente estava ali: os garotos, o céu muito azul, as casas de cores vivas. O passado eram os judeuzinhos da Rússia. O presente eram os brasileiros. Os góim.” (SCLIAR 1999: 53)

A decepção do narrador em relação a sua amizade interrompida é acompanhada pela decepção de seu pai ao reparar que os primeiros brasileiros avistados não correspondem em nada às figuras do livro de História: “então, eram aqueles os brasileiros? Onde estavam as roupas elegantes que tinha visto no livro? Onde estavam as botas? Não sei se me acostumarei, suspirava, sem botas para consertar não sei se me acostumarei.” (SCLIAR 1999: 48) A tentativa de se fixar em Laje do Canhoto, “um *shtetl* alagoano” (SCLIAR 1999: 21), onde o pai de Noel Nutels, Salomão, vivia desde 1917 como comerciante proprietário de uma loja, fracassa. Ao chegar no lugarejo, o sapateiro voltou a se decepcionar, pois “não via ninguém de botas, só gente descalça ou de chinelos” (SCLIAR 1999: 54). Convidado por Salomão Nutels para trabalhar na loja, o sapateiro pareceu se animar, até que, ao examinar a mercadoria, se deparou com penicos. Considerou que seria uma desonra para alguém que prestara serviço a um conde, trabalhar naquela loja: “Não era vendedor de penicos, era um sapateiro, tinha sua profissão, e queria exercê-la.” (SCLIAR 1999: 55)

Portanto, desde o “entre-lugar” do navio, temos uma sucessão de decepções. E são elas que marcarão o “depois” no processo de emigração da família do sapateiro. A próxima tentativa seria a fixação em um centro urbano. A família seguiu para São Paulo e se estabeleceu no bairro do Bom Retiro, onde muitos de seus habitantes falavam ídiche, e onde havia sinagogas, escolas e sociedades judaicas. A trajetória do sapateiro no novo habitat é marcada pela tentativa de se integrar à nova realidade diferente e desconhecida, calcada na possibilidade de manutenção da profissão. O artífice havia trazido do *shtetl* suas ferramentas de sapateiro e até acreditava poder ter uma clientela, pois, diferente de Laje do Canhoto, a maioria dos paulistanos que via nas ruas usava sapatos. Porém, uma tragédia pôs fim a esse intento: Ao atravessar distraidamente a rua José Paulino foi atropelado por um bonde, cujas “rodas esmagaram-lhe o braço direito, que teve de ser amputado.” (SCLIAR 1999: 57) Aliás, o braço amputado foi incorporado aos pesadelos do narrador, nos quais “o bracinho pouco musculoso de sapateiro judeu” (SCLIAR 1999: 68) era devorado por índios que repetiam os rituais antropofágicos.

Finda a expectativa de atuar como sapateiro, o artesão se tornou vendedor de gravatas, um *gravatnik* (SCLIAR 2000: 45), pois acreditava que tal mercadoria, em uma próspera cidade como São Paulo, atrairia uma clientela em potencial. Vale a pena lembrar que, com essa nova ocupação atribuída a seu personagem, Moacyr Scliar retrata algo que era comum naquela época, pois vendedor ambulante foi a primeira ocupação de grande parte dos imigrantes judeus oriundos do Leste europeu. O artífice via-se diminuído ao não poder exercer seu ofício trazido do *shtetl*, e a ter de vender mercadoria na rua ou de porta em porta.

O tópico anterior implica uma reflexão sobre a forma que Moacyr Scliar encontrou para apresentar literariamente o tema em torno da dispersão do habitante da “cidadezinha” rumo ao Novo Mundo. Seu personagem sapateiro descobre que a imagem que fazia do Brasil e de sua gente, traduzida em botas e calçados, não passa de uma miragem. Não encontra aqui o nobre que repita no meio urbano brasileiro a mesma estrutura de subserviência outrora estabelecida entre si próprio e o conde Alexei. Falta-lhe a instância que lhe outorgue a nobreza através do exercício da profissão. A falta do conde Alexei é para ele a maior perda imposta pela fuga do *shtetl*, maior até que a do próprio braço. E o golpe fatal vem com o acidente que não só põe fim às suas esperanças de continuar trabalhando como sapateiro – mesmo sem fregueses nobres! – mas também o rebaixa, na medida em que, para a sobrevivência da família, torna-se mais um *gravatnik*. O fracasso que marca a sua trajetória no Novo Mundo é parte do fracasso que atinge também o

filho: a dispersão se impõe em sua família, de modo que sua mulher, Paulina, e seu filho, Ezequiel, procuram seus próprios caminhos, e o narrador agonizante, ao fazer um balanço de sua própria vida, só vê sentido no momento em que a atrela à vida do “amigo” Noel Nutels, o exemplo daquele que “venceu” no novo habitat. O que, por fim, resta como reminiscência do *shtetl* não é nada lisonjeiro: a ameaça permanente de *pogrom*, com seus cossacos a povoarem os pesadelos e fantasias do narrador.

CONCLUSÃO

A título de conclusão, cabe-nos destacar as noções de memória e de tempo, no nosso modo de entender, decisivas para compreendermos o processo de representação literária da dispersão dos habitantes do *shtetl* e o que dele restou no “depois” do processo de emigração. Quando o protagonista-narrador se refere a Noel Nutels como aquele que, de uma vez por todas, deixara para trás o *shtetl* e vivenciava o presente, tentando comunicar-se com os primeiros garotos brasileiros que avistara no porto do Recife, sem saber falar uma palavra sequer em português, ele apresenta tal cena como sendo um ato de “viver o presente”. Diferindo dos demais – o sapateiro frustrado com a perda do nobre, o narrador fugindo dos cossacos que o perseguem em seus pesadelos –, Noel, pelo menos na visão do narrador, não carrega consigo marcas de perda ou de trauma originados em função da vida no *shtetl* e da necessidade de tê-lo abandonado. É como se pai e filho, diferindo do “médico dos índios”, vivenciassem o tempo todo o *shtetl*, ou melhor, o *shtetl* enquanto memória, marcadamente negativa pela perda e pelo trauma.

Por fim, podemos afirmar também que obras como **A Majestade do Xingu** se enquadram plenamente – de acordo com a terminologia de Homi Bhabha – na categoria de “narrativas da diáspora cultural e política” (BHABHA 1998: 23). Moacyr Scliar, pertencente à geração dos filhos de imigrantes judeus que chegaram ao Brasil nas primeiras décadas do século XX, oferece ao leitor um quadro da dispersão de um *shtetl* anônimo da Bessarábia e de seus habitantes como parte de um processo que se configura justamente no “entre-espaço” cultural, marcado pelas dificuldades de adaptação a um mundo estranho, espaço, aliás, em que passam a conviver lado a lado no discurso do narrador *shtetl* e Xingu, Revolução Russa e Golpe de 64, *schochet* e ancião indígena, rabino e pajé, *bar-mitzva* e sábado de Aleluia, cossacos e grileiros, antropofagia e *pogrom*.

Bibliografia

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. [título original: *The Location of Culture* (1994), trad. do inglês por Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves]
- BLIKSTEIN, Izidoro. O universo volátil e mágico das personagens de Isaac Bashevis Singer. *Herança Judaica*, São Paulo, nº 82, p.26-32, abril de 1992.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. Imagens flutuantes: questões de identidade em Lasar Segall e Moacyr Scliar. In: MENDES, Eliana Amarante de Mendonça (et alli.) (Orgs.) *O novo Milênio: interfaces lingüísticas e literárias*, Belo Horizonte: UMFG/FALE, 2001, p.505-521.
- GUINSBURG, Jacó. *Aventuras de uma língua errante. Ensaio de língua e literatura ídiche*, São Paulo: Perspectiva, 1996.
- KLEPFISZ, Heszel. Estamos idealizando o *Shtetl*? *Herança Judaica*, São Paulo, nº 75, p.89-94, agosto de 1989.
- LÖWE, Heinz-Dietrich. Antisemitismus in der ausgehenden Zarenzeit. In: MARTIN, Bernd/SCHULIN, Ernst (Orgs.) *Die Juden als Minderheit in der Geschichte*, München: dtv, 1981, p.184-208.
- SCLIAR, Moacyr. *A Majestade do Xingu*, 2ª reimpressão, São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SCLIAR, Moacyr. Memórias Judaicas. In: SCLIAR, Moacyr/SOUZA. Márcio. *Entre Moisés e Macunaíma. Os judeus que descobriram o Brasil*, Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p.23-79.